

ANPVA. 2469-1 25/16

RUA JOÃO GUIMARÃES ROSA

Decreto nº 6658 de 10-09-1981

Formada pela rua 23 da Cidade Universitária Campineira no Distrito de Barão Geraldo

Início na rua Francisco Humberto Zuppi

Término na rua Dr. Shigeo Mori

Cidade Universitária Campineira

Distrito de Barão Geraldo

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Francisco Amaral. Protocolado nº 22.569/81 em nome de José Nassif Mokarzel e Outros.

JOÃO GUIMARÃES ROSA

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, a 27-junho-1908 e faleceu no Rio de Janeiro, a 19-novembro-1967. Fez seus estudos na capital mineira e, formado em Medicina, tornou-se capitão médico da Força Pública. Em 1934, ingressou nos quadros do Ministério das Relações Exteriores. Diplomata, serviu em Hamburgo, Baden, Bogotá e Paris. Promovido a Ministro de 1.ª classe, rejeitou a servir no exterior, contentando-se a exercer importantes cargos no Itamaratí. Sabia-se cardíaco e não queria arriscar-se a morrer longe da Pátria. Desde estudante escrevia contos, vencendo concursos realizados pelas revistas da época. Em 1935 publicou "Magma" que conquistou prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Em 1946 publicou "Sagarana" que obteve notável êxito. Dá à lume depois as novelas de "Corpo de Baile" e o extraordinário romance "Grande Sertão: Veredas", vindo a receber o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Em 16-novembro-1967 toma posse, na cadeira nº 2, da Academia Brasileira de Letras, que muito o emociona, e que teria sido a causa de seu falecimento, ocorrido três dias após. Guimarães Rosa publicou várias outras obras, entre as quais: "Primeiras Estórias", Tutaméia", "Terceiras Estórias". Sua obra foi traduzida para vários idiomas.



Câmara Municipal de Campinas

Estado de São Paulo



C.O.A.R.

Campinas, 07 de julho de 1981.

Exmo. Sr.
DR. JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
DD. Prefeito Municipal de
CAMPINAS

PREFEITURA MUNICIPAL
DE CAMPINAS
022569 09.7.81
PROTOCOLO-GERAL

Nos termos do artigo 2º do Decreto nº 5.690, de 14 de maio de 1979, apresentamos o nome de João Guimarães Rosa, para ser denominada a Rua 23, da Cidade Universitária, em nossa cidade.

Em anexo, a devida justificativa.

Atenciosamente

DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
Presidente

[Handwritten signatures and scribbles, including names like Paulo, Nassif, and others]

vvm

11 SET 1981



DECRETO Nº 6658 de 10 de setembro de 1981

DETERMINA - JOÃO GUIMARAES ROSA - UMA VIA PÚBLICA DE DENOMINAÇÃO DE RUA DO BARRIO GERALDO.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual nº 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que o artigo 8º do Decreto nº 1476, de 11 de setembro de 1969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto nº 5690, de 14 de maio de 1977, concede ao Executivo a prerrogativa de denunciar/próprios, vias e logradouros públicos, independentemente de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de vereadores integrantes da Câmara Municipal;

CONSIDERANDO existir indicação no termos do referido diploma legal;

CONSIDERANDO que aos membros do Executivo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que, em seu juízo crítico de acordo com o contato pelo Executivo com as restrições,

D E C R E T A

Artigo 1º - Fica denominada RUA JOÃO GUIMARAES ROSA - a Rua 23 da Cidade Universitária Campineira - Distrito do Barão Geraldo, com início na Rua Francisco Humberto Suppi e término na Rua Dr. Augusto Forti.

Artigo 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 10 de setembro de 1981

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal de Campinas

Publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito na data supra.

ARY PEDRAZZOLI
Diretor do Dep. de Expediente



Prefeitura Municipal de Campinas

DECRETO Nº 6658 de 10 de setembro de 1981

DENOMINA " JOÃO GUIMARÃES ROSA " UMA VIA PÚBLICA DO DISTRITO DE BARÃO GERALDO.



O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual / nº 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios), e

CONSIDERANDO que o artigo 8º do Decreto nº 3476, de 11 de setembro de 1969, com a redação que lhe foi dada pelo Decreto nº 5690, de 14 de maio de 1979, concede ao Executivo a prerrogativa de denominar/próprios, vias e logradouros públicos, independentemente de manifestação da Comissão criada para opinar sobre a matéria, desde que haja indicação de vereadores integrantes da Câmara Municipal;

CONSIDERANDO existir indicação nos termos do referido diploma legal;

CONSIDERANDO que aos membros do Legislativo cabe a honrosa tarefa de colaborar com o Executivo na indicação de nomes de próprios, vias e logradouros públicos e que o seu judicioso critério de escolha é acatado pelo Executivo sem restrições,

D E C R E T A :

Artigo 1º - Fica denominada " RUA JOÃO GUIMARÃES ROSA " a Rua 23 da Cidade Universitária Campineira - Distrito de Barão Geraldo, com início na / Rua Francisco Humberto Zuppi e término na Rua Dr. Shigeo Mori.



Prefeitura Municipal de



Artigo 2º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 10 de setembro de 1981.

DR. FRANCISCO AMARAL

PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

Publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito na data supra.

ARY PEDRAZZOLI

DIRETOR DO DEP. DE EXPEDIENTE

RUA JOÃO GUIMARÃES ROSA



JOÃO Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (Minas), a 27 de junho de 1908. Fez seus estudos na capital mineira e, formado em Medicina, mediante concurso, tornou-se capitão-médico da Força Pública. Estudante, já vencia

concursos de contos da revista *O Cruzeiro*. Em 1934, em concurso, ingressou nos quadros do Ministério das Relações Exteriores. Diplomata, voltou a cultivar as letras e, em 1935, com o livro *Magma*, que mais tarde repudiou, conquistava o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Serviu no exterior e, durante a Segunda Grande Guerra, foi internado pelo governo nazista, até ser repatriado. Regressando ao Brasil, concorreu a um concurso de contos da Livraria José Olímpio Editora, chegando a finalista, sem todavia ser premiado. Voltou a trabalhar seus contos, retocando-os, e em 1946 publicava-os com o título de *Sagarana*. Dono de estilo original e vigoroso, foi saudado pela crítica como a maior expressão do nosso regionalismo, depois de Afonso Arinos. O livro logo se esgotou, sendo reeditado, a partir da segunda edição, por José Olímpio. Depois desse êxito literário, foi conselheiro de Embaixada em Paris, de 1948 a 1951, mas

GUIMARÃES ROSA

(1908-1967)

embora promovido a ministro de 1.^a classe, rejeitou servir no exterior, contentando-se em exercer importantes cargos no Itamarati, como os de secretário, chefe do gabinete e diretor da Divisão de Fronteiras. Sabia-se cardíaco e não

queria arriscar-se a morrer longe da pátria, em terra estranha. Depois de ter publicado as novelas de *Corpo de Baile* e o notável romance *Grande Sertão: Veredas*, João Guimarães Rosa recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. Em 1958, na primeira tentativa para ingressar na Academia, foi derrotado por Afonso Arinos de Melo Franco Sobrinho, que viria a saudá-lo, na sua posse, como sucessor, na cadeira n.º 2, de João Neves da Fontoura, de quem fora grande amigo e secretário, no Ministério das Relações Exteriores. Publicou várias outras obras, entre as quais *Primeiras Estórias*, *Tutaméia* e *Terceiras Estórias*. Outras obras de sua autoria estão sendo editadas postumamente, como *A Palavra* e *Cartas ao Tradutor*. Sua obra foi traduzida para vários idiomas. Vitimado por um colapso, Guimarães Rosa faleceu a 19 de novembro de 1967, três dias depois de sua posse na Academia Brasileira de Letras, que muito o emocionara.

(Extraído da capa dos fascículos do Dicionário de Português, de Antenor Nascentes, editado Por Bloch Editores)

(Diário de S. Paulo de domingo, 1-12-1974)

NDV, 1464-7

A 19 de setembro de 1967 morria João Guimarães Rosa, três dias depois de ter tomado posse da Cadeira nº 2, da Academia Brasileira de Letras. No seu discurso de posse ele disse, fazendo o elogio de João Neves da Fontoura, a quem substituiu:

- "De repente morreu: que é quando um homem vem inteiro, pronto de suas, próprias profundezas. Morreu com modéstia. Se passou para o lado claro, fora e acima do suave ramerrão e terríveis balbúrdias."

Talvez tivesse pressentido a própria morte, ocorrida menos de 72 horas depois de se ter tornado novo "imortal". Místico e supersticioso Guimarães Rosa acreditava em uma profecia que lhe fôra feita anos antes, segundo a qual ele morreria depois de uma grande solenidade.

Rosa - como era conhecido, - parecia mais um europeu forte amável do que um brasileiro das Minas Gerais. Com seus olhos claros e suas maneiras finas, não dava a impressão física de escrever como escrevia. Era sorridente e afável, não só como artista, mas também como homem. Mas; apesar de tudo, mineiro: fechado dentro de si mesmo, recusou-se quase sempre a conceder entrevistas. Sua desculpa: "Eles jamais conseguem dar uma visão real de nós, inda que o tentem honestamente."

- "Não gosto de falar da infancia. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando todos os prazes..."

Sua infancia foi passada em Cordisburgo, cidadezinha entre Curvelo e Sete Lagoas, zona de pecuária, onde o pai era comerciante. Ali ele nasceu a 27 de junho de 1908. Aprendeu as primeiras letras aos seis anos com o Mestre Candinho, uma figura popular da cidade; logo depois já vivia insistindo com o padre Esteves para que lhe ensinasse o francês.

Ainda menino, foi mandado para Belo Horizonte, onde frequentou o Colégio Arnaldo. Costumava passar as horas de folga na biblioteca, onde lia tudo o que pudesse satisfazer a sua ~~xxxx~~ ansia de saber.

O gosto pelas ciências naturais - "Armar alcapões para apanhar sanhaços e, depois, soltá-los. Que maravilha! - levou-o ao curso de medicina. E a medicina levou-o de volta ao sertão entrevisto na infancia, de volta aos personagens que passavam por Cordisburgo, ~~xxxx~~ rota de tropeiros e boiadeiros, como se fosse "o centro de uma rosa dos ventos".

Médico rural em Itaquara, visitava seus clientes percorrendo as casas à cavalo - frequentemente com um livro no arçõ da sala. A pé ou à cavalo, ao longo dos arraiais e das fazendas, carregava também um caderno, em que anotava peculiaridades da fala sertaneja, surpreendendo nela antigas palavras esquecidas.

Em 1932, se fez oficial médico voluntário da Força Pública de Minas Gerais. Mas seu interesse pelo estudo das

e a facilidade com que as aprendia, levaram-no para a carreira diplomática: foi admitido por concurso, no Itamarati, em junho de 1934. E logo em seguida escreveu um livro de poemas, "Magma", que recebeu o 1º prêmio em um concurso da Academia Brasileira de Letras.

MNPVI-2464-8

Como cônsul de terceira classe, serviu o Brasil em Hamburgo, Baden-Baden e Lisboa. Em 1938, nomeado 2º Secretário, foi promovido para Bogotá, exercendo depois essa mesma função em Paris, até 1948. Quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, chegou a ser feito prisioneiro e internado em Baden. Em 1958, atingiu o posto de Ministro de primeira classe. Nos últimos tempos, chefiava a Divisão de Fronteiras do Itamarati.

Mas, o ano mais importante desse período, foi 1946: publicou "Sagarana" e foi logo considerado um dos mais importantes novelistas brasileiros: " - ...Deitar no chão e imaginar histórias, poemas, romances, botando todo o mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas ou ouvidas." Este tinha sido um dos seus desejos de infância que se realizava.

Mas Rosa parecia destinado a ser autor de um só livro, quando dez anos depois, no mesmo ano de 1956 surgem "Corpo de Baile" (novela) e "Grande Sertão: Veredas" (romance), este considerado sua obra mais importante. Mais tarde publica "Primeiras Estórias" (contos, 1962) e "Tutaméia" (contos, 1967).

Com "Grande Sertão", a maioria dos críticos aceitou Rosa não apenas como o explorador criativo de um ramo de regionalismo. Outros regionalistas utilizaram o falar corrente de suas regiões, mas só dois tentaram a aventura de criar uma linguagem nova para interpretar uma realidade nova: Mário de Andrade e Guimarães Rosa.

Por mais ousada que seja a linguagem usada por Rosa ao trabalhar o seu lirismo intenso, os críticos, em sua maioria, o aceitaram. Segundo o crítico paulista Roberto Achuwartz, o vocabulário usado pelo escritor "confirma a preocupação extrema de Guimarães Rosa em conferir às palavras a multiplicação de sentidos que elas possam suportar". Quando ele usa o substantivo "cavalanços", a aglutinação de "cavalo" e "balanço" duplica o sentido da palavra que adquire também uma conotação rítmica.

Rosa se permitiu essas liberdades de criador não só com o português, o latim e o tupi, mas, segundo Cavalcanti Proença, "onde quer que as palavras correspondessem ao seu desejo de música ou de força expressional".

Ainda hoje, depois de traduzido para os principais idiomas ocidentais, sua linguagem tem dado ainda origem a controvérsias: uma nova linguagem a ser explorada, ou um obstáculo isolado no caminho da ficção brasileira atual?

Talvez o próprio Rosa já tivesse respondido, quando disse: - "Só o epitáfio é fórmula lapidar."



Guimarães (Portugal)

Gil Pinheiro

Marinha da Costa. Merecem visita ainda variadas igrejas, conventos e ruas com casas antigas e típicas.

7 Bibliografia. Belino, Albano. *Arqueologia cristã; descrição histórica de todas as igrejas, capelas, oratórias, etc. de Braga e Guimarães*. Lisboa, 1900./ Carvalho, J. L. *Roteiro de Guimarães*. Guimarães, 1923./ Sampaio, Alberto José de. *Estudos históricos e económicos*. Porto, 1923./ Guimarães, Alfredo. *Guimarães monumental. A Arte em Portugal*, Porto, n. 11, 1930./ *Guimarães: guia de turismo*. Guimarães, 1940./ MARZ/BARD.

GUIMARÃES ROSA

1 Vida. Escritor brasileiro, João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo MG, a 27 de junho de 1908, e morreu no Rio de Janeiro RJ, a 19 de novembro de 1967. A região de sua infância, zona do Uruçuia, seria o principal cenário de suas obras. Em 1930 formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Começou a exercer a profissão em Itaguara, município de Itaúna MG, transferindo-se para Belo Horizonte durante a revolução paulista de 1932, quando se tornou médico da força policial do Estado. Dois anos depois ingressa na carreira diplomática e conquista um primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras com o livro de poemas *Magma*, que nunca publicou.

2 Cônsul adjunto em Hamburgo (1938), ocupou depois vários outros postos diplomáticos nas cidades de Bogotá e Paris, sendo ainda membro da delegação brasileira à Conferência da Paz em Paris (1946) e secretário-geral da representação brasileira à IX Conferência Interamericana. A publicação de *Sagarana* (1946), distinguida com o prêmio Felipe d'Oliveira, consagra-o como escritor. Chefe do serviço de demarcação de fronteiras, Guimarães Rosa fez muitas viagens pelo interior do Brasil. Eleito em 1963 para a Academia Brasileira de Letras, tomou posse da cadeira só a 16 de novembro de 1967, morrendo — de enfarte — três dias depois.

3 Caracterização. Situado entre os maiores ficcionistas da moderna literatura brasileira, Guimarães Rosa é um dos primeiros autores em que esta adquire autonomia lingüística e cultural: a partir de um aparente regionalismo mineiro e sertanejo, alcança um realismo universalista em que a paisagem humana e geográfica do Brasil se concentra em verdadeira cosmologia ficcional.

4 Muito se discutiu a linguagem de seus livros. Para muitos leitores, é crivada de obstáculos quase intransponíveis. Não encontram ali a *língua* estabelecida, com suas normas e dados feitos, utilizada pela maior parte dos escritores, variando segundo o estilo de cada um, e aplicada, de fora para dentro, aos conteúdos, aos enredos ou às mensagens que se propõem. No trabalho de Guimarães Rosa, a linguagem se articula de dentro para fora, recriando-se a partir da realidade mesma que serve de

Guimarães Rosa

Manchete Press



objeto à prosa de ficção: a forma nasce do próprio conteúdo, um e outro se fundindo na mesma e nova realidade, específica e autônoma obra de arte literária.

5 A resultante não é a reprodução das falas sertanejas, à maneira do regionalismo coloquial. É a estilização das constantes e peculiaridades daquelas falas numa nova totalidade lingüística. O que melhor se observa é a síntese, a decantação da linguagem sertaneja no fundir-se o universo cultural do sertão com a cultura universal de um Guimarães Rosa. O escritor realizou essa experiência em diferentes níveis: assim como o cenário, em seu contexto global, fisiográfico e humano, origina suas próprias formas e técnicas de comunicação literária, também a psicologia individual, os traços típicos de uma dada realidade biográfica impõem os seus próprios modos de narrar, descrever, lembrar.

6 O auge dessa realização é atingido em *Grande sertão: veredas* (1956), um dos romances fundamentais da literatura brasileira, panorama ao mesmo tempo épico e lírico do sertão, lição de luta e valorização da pessoa humana. Em busca de uma correspondência profunda do texto com o contexto, Guimarães Rosa usa uma série de procedimentos artesanais que levaram a crítica a compará-lo a Joyce.

7 Aproximando-se da linguagem poética, vale-se de freqüentes aliterações, rimas internas, repetições, decomposição e aglutinação vocabulares, reunindo, para tal, um repertório de grande riqueza léxica, de que extrai todos os efeitos possíveis de ritmo, eufonia, plasticidade. Uma das conseqüências é que em sua sintaxe se reformulam as regras da sintaxe tradicional da língua portuguesa, tornando-se decisivas apenas as necessidades impostas pela expressividade semântica pretendida.

8 Outro aspecto notável é o do tratamento conferido ao tempo, em cuja fluidez natural só intervem os flagrantes retrospectivos da memória. Há ainda, na obra principal de Guimarães Rosa, toda uma distribuição de temas ao longo da estrutura narrativa, à semelhança dos que se dispõem nas estruturas musicais. Alguns desses temas assinalam a presença reiterante dos símbolos e significados centrais da expressão rosiana, onde os rios, os bois, os buritiúais, a paisagem severa do sertão, com sua gente, seus bichos e seus ventos compõem um mundo de intensa vida e que transcorre num devir de permanência: os acentos arcaicos e primitivos se reúnem ao rigor e modernidade da concepção estética.

9 Outras obras. Guimarães Rosa já tinha 38 anos quando publicou *Sagarana*. Alguns dos contos são obras-primas, como "O Burrinho pedrês", "Duelo", "Conversa de bois", "A Hora e vez de Augusto Matraga" (adaptado para o cinema por Roberto Santos e Luís Carlos Barreto). Pode-se dizer o mesmo de várias novelas do volume *Corpo de baile* (1956), mais tarde dividido em três: *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá*, *no Pinhém e Noites do sertão* (1969).

10 Minucioso mestre de dizer e redizer maravilhas é o contista de *Primeiras histórias* (1962) e de *Tulamãia* (1967). O restante da obra ficcional, publicado postumamente, aparece em *Estas histórias* (1969) e em *Ave, palavra* (1970), em que também se encontram poemas, anotações de viagem, notas íntimas. Guimarães Rosa foi traduzido na França, na Itália, nos E.U.A., no Canadá, Espanha e Alemanha.

11 Bibliografia. *Revista de Cultura: Diálogo*. São Paulo, n. 8, nov. 1957. Número especial dedicado a Guimarães Rosa./ Cavalcanti Proença, Manuel. *Trilhas do Grande sertão* [Rio de Janeiro, 1959?]./ Costa Lima, Luís. O sertão e o mundo: termos da vida. In—. *Por que literatura?*. Petrópolis, 1966. p. 73-99./ Castro, Nei Leandro de. *Universo e vocabulário do Grande sertão*. Rio de Janeiro, 1970. GAMA/CARP.